

INVENTÁRIO E CATALOGAÇÃO DO ACERVO DO MUSEU GAMA D'EÇA: A EXPERIÊNCIA COM O *TAINACAN*

Bernardo Duque de Paula¹
Anna Paula Teixeira Silva²
Sianne Caceres Rossi³

RESUMO

A documentação museológica é um dos pilares fundamentais para o bom funcionamento dos museus. Mas, em muitos casos, estas instituições têm dificuldades em realizar a catalogação dos seus acervos e de manter um inventário atualizado. Com o avanço da tecnologia nas últimas décadas, novas ferramentas surgiram para auxiliar as instituições museológicas no processo de catalogação das peças que compõem os seus acervos. Atualmente, o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) disponibiliza um repositório digital gratuito para ser utilizado nesse sentido, o *Tainacan*. O presente artigo irá abordar o processo de implementação do *Tainacan* para o acervo do Museu Gama d'Eça, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), apresentando os pontos considerados positivos e negativos quanto a utilização do repositório digital, relacionado-os com os desafios de gestão de acervo e comunicação do Museu. Nesse sentido, serão explorados os problemas que surgiram ao longo do processo, bem como o potencial do *Tainacan* não somente para catalogação das coleções, mas também para a sua comunicação em meio virtual.

Palavras-chave: acervo, museu, catalogação, repositório digital, *Tainacan*.

A FORMAÇÃO E A DOCUMENTAÇÃO DO ACERVO DO MUSEU GAMA D'EÇA

O Museu Gama d'Eça, atualmente vinculado à Pró-Reitoria de Extensão, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), é resultado da fusão de dois museus que existiram em Santa Maria, o Museu Victor Bersani, fundado em 1913 pela Sociedade União dos Caixeiros Viajantes (SUCV) e o Museu Educativo Gama d'Eça, vinculado à Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), criado em 1968, denominado inicialmente apenas como Museu Educativo.

Na primeira metade da década de 1980, os acervos do Museu Educativo Gama d'Eça, localizado no campus da UFSM e do Museu Victor Bersani, localizado no prédio da SUCV, no centro de Santa Maria foram levados para um novo edifício histórico, a antiga residência do Dr. Astrogildo de Azevedo, um importante médico que atuou na cidade entre o final do século XIX e início do XX, dando origem ao Museu Educativo Gama d'Eça e Victor Bersani. Neste momento, os objetos que compunham o acervo do Museu Victor Bersani passaram para a tutela

¹Bacharel em Museologia (UNIRIO) e Mestre em Patrimônio Cultural (UFSM), Diretor do Museu Gama d'Eça/UFSM.

²Graduanda em História Licenciatura na Universidade Federal de Santa Maria.

³Graduanda em História Bacharelado na Universidade Federal de Santa Maria.

da UFSM, com a condição de que o nome de Victor Bersani permanecesse a ser utilizado, apesar da mudança de tutela do acervo.

Embora exista essa condição, que consta como cláusula no termo de doação do acervo para a UFSM, com o passar dos anos, o nome do Museu sofreu alterações em resoluções internas. O nome Victor Bersani e, posteriormente, o “Educativo” foram retirados da nomenclatura do Museu. Os motivos para tais mudanças não cabem ser discutidos neste artigo, mas é importante ressaltar que a história do Museu tem início em 1913, quando os primeiros objetos começam a ser doados para a formação do Museu Victor Bersani, o quinto mais antigo do Rio Grande do Sul, que abriu suas portas ao público em 1914.

Este acervo era composto por objetos variados, como: moedas e cédulas, animais taxidermizados, livros raros, fósseis, artefatos arqueológicos, em suma, uma grande variedade de itens que foram listados nos documentos como “diversos, curiosidades, antiguidades”⁴. Seu valor histórico foi reconhecido pelo SPHAN, atual IPHAN, que tombou o mesmo em 25 de março de 1938. Até hoje, uma das poucas coleções de museus do Rio Grande do Sul a serem tombadas pelo IPHAN. O acervo do Museu Educativo Gama d’Eça era semelhante ao do Museu Victor Bersani, mas de menor porte, consistindo em objetos de coleções científicas, como minerais e rochas, animais taxidermizados, fósseis, artefatos arqueológicos e etnológicos, obras de arte, artesanatos, selos, moedas e cédulas, documentos históricos, jornais e objetos listados como “diversos”.

Nota-se, portanto, que ambos os acervos são bastante variados, em especial o proveniente do Museu Victor Bersani, assemelhando-se à lógica dos antigos Gabinetes de Curiosidade, que reuniam objetos variados aos quais eram atribuídos algum valor histórico, artístico ou científico, valorizando aquilo que era considerado exótico, conforme pode ser percebido nas Figuras 1 e 2.

⁴ Essa classificação é mencionada em um documento no qual consta a relação nominal do acervo do Museu Victor Bersani doado a UFSM, datado de 1981, ano em que se formalizou a doação.

Figura 1 - Sala de exposições no Museu Victor Bersani



Fonte: Acervo do Museu Victor Bersani, fotógrafo V. Schleiniger (PILLA, 2024, p.15).

Figura 2 - Gabinete de Curiosidades. Museum of Ferrante Imperato from Dell'Historia Naturale (Imperato, 1599). Nápoles, Itália. Século XVI



Fonte: Click Museus, 2021.

No que diz respeito à catalogação das peças que compõem o acervo do Museu, foram adotadas diferentes metodologias ao longo do último século, que podem ser resumidas da seguinte forma:

- 1913 até 1981: período em que existiam dois museus com diferentes metodologias de inventário e catalogação dos seus acervos, conforme descrito abaixo:
 - Museu Victor Bersani: Os objetos eram registrados em um Livro Tombo e catalogados seguindo um modelo de ficha catalográfica impressa. Os números de registro eram alfanuméricos, divididos de acordo com as coleções do Museu.
 - Museu Educativo Gama d'Eça: Não havia um Livro Tombo que unificasse os registros. A princípio, cada coleção era registrada em um caderno específico de acordo com um sistema numérico. Nos arquivos do Museu foram encontrados livros referentes às coleções de Paleontologia, Minerais e Rochas, Filatelia, Diversos, Artesanato, Arqueologia, História da UFSM, Numismática, Etnologia, Arte, História e Hemeroteca.
- 1981 até 2023: com a fusão dos dois Museus, o acervo proveniente do Museu Victor Bersani foi novamente registrado em um novo Livro Tombo. Nesse sentido, foram-lhes atribuídos novos números, mas que não chegaram a ser marcados na grande maioria dos objetos, tornando difícil a associação. Além disso, receberam também um número de patrimônio da UFSM, destinado aos materiais permanentes da Universidade, que também não foi marcado nas peças. A exceção à regra foram os documentos históricos provenientes do Museu Victor Bersani, aos quais foi atribuído um sistema numérico específico e preenchidas fichas catalográficas com informações sobre os mesmos. Desde meados da década de 1980, não foi feito o registro de nenhuma doação, ocasionando uma enorme perda de informações sobre os objetos doados. Era feito somente um termo de doação para formalizar a aquisição.

Nota-se, portanto, que a dissociação, entendida como a “perda de objetos ou de dados relacionados a objetos ou na capacidade de recuperar ou associar objetos e dados.” (CATO; WALLER, 2019, tradução nossa), é um dos principais problemas relacionados ao acervo do Museu, podendo ser causada devido ao:

“Inventário inexistente ou incompleto, identificação indevida ou insuficiente de objetos do acervo, obsolescência de *hardware* ou *software* utilizados para armazenar e acessar dados e informações sobre o acervo, condições inadequadas de armazenamento do acervo, aposentadoria ou afastamento de

funcionários detentores de conhecimento exclusivo sobre o acervo, etc.” (ICCROM, 2017, p. 48)

No caso do acervo proveniente do Museu Victor Bersani, a dissociação consiste basicamente na impossibilidade de relacionar os objetos às suas fichas catalográficas, seja por conta do apagamento do número de registro ou pela perda de informações.

Entretanto, a situação mais crítica se refere ao período após a fusão dos dois acervos, no qual os números de identificação conferidos às peças não foram marcados nas mesmas ou sequer foram atribuídos. Nesse sentido, o Museu não possuía, até o momento, um inventário do seu acervo, fazendo com que essa tarefa se tornasse prioritária.

UM PROJETO DE INVENTÁRIO PARA O ACERVO DO MUSEU GAMA D'EÇA

O inventário do acervo do Museu Gama d'Eça teve início em abril de 2023, sendo realizado junto com a catalogação das peças. Aqui cabe um esclarecimento sobre o uso dos termos “inventário” e “catalogação”.

O inventário é entendido como o “levantamento individualizado e completo dos bens relativos a uma instituição, abrangendo registro, identificação e classificação.” (IBRAM, 2019, p. 4), cabendo destacar ainda que:

“Em muitos textos, sobretudo os mais antigos, um inventário realizaria apenas a contagem de todos os objetos que fazem parte do museu, sendo criada uma lista numerada para controle e identificação geral do acervo museológico: um arrolamento. O registro do número e do nome do objeto seriam suficientes para uma identificação inicial no inventário. No entanto, como dissemos anteriormente, essa interpretação já não é mais tão restritiva e tanto o Inventário quanto o livro-tombo servem para o mesmo fim – um controle administrativo do acervo, com alguns campos de metadados.” (IBRAM, 2019, p. 16)

Já a catalogação,

“refere-se à compilação e à manutenção de informação essencial, que permite a identificação e a descrição dos objetos. Embora os termos catalogação e inventário sejam sinônimos, no contexto museológico, a catalogação está associada ao processo de Documentação de coleções, mais exigente do ponto de vista do conhecimento de dados representativos sobre a história dos objetos.” (IBRAM, 2019, p. 22)

No caso do Museu Gama d’Eça, essas atividades começaram a ser realizadas em paralelo, inicialmente em uma planilha de Excel, que continha os campos de informação da Ficha catalográfica do Museu e, em contrapartida, servia como o Livro Tombo ou Livro de Registro, no qual os objetos do acervo eram inseridos após receberem um número de registro. Quanto à metodologia, o trabalho foi realizado seguindo as etapas descritas abaixo:

1. Definição de um sistema numérico para o acervo: cria-se o padrão para o número de registro “MGD-0001”, na qual “MGD” é a sigla do Museu, relacionando os objetos com a instituição e “0001” é o número que identifica individualmente cada peça de forma sequencial, ex.: MGD-0002, MGD-0003, MGD-0004, etc.
2. Definição de um modelo de Ficha Catalográfica: feita com base nas especificidades do acervo e com os campos de informação necessários para o registro das informações intrínsecas⁵ e extrínsecas⁶ aos objetos.
3. Marcação das peças: consiste na marcação do número de registro nas peças do Museu, realizada com tinta de nanquim, sendo aplicada uma camada de verniz antes da escrita do número. A exceção são os objetos em suporte têxtil, nos quais é costurada uma legenda e em papel, onde a marcação é feita a lápis.
4. Pesquisa: nesta etapa é realizada a pesquisa sobre as informações extrínsecas ao objeto, como o histórico, a quem pertenceu, onde foi produzido, entre outras informações necessárias para o preenchimento da Ficha Catalográfica.
5. Fotografia: realizada em fundo branco ou preto com escala.
6. Inventário e catalogação: o número de registro é inserido na planilha de Excel, assim como as demais informações que compõem a Ficha Catalográfica do Museu, são elas: denominação; título; coleção (compreende as coleções Gama d’Eça ou Victor Bersani); resumo descritivo; número de patrimônio; outros números (refere-se a marcações antigas que alguns objetos possuem); número de registro; categoria; subcategoria; situação/ localização; autor/ fabricante; data de produção; local de produção;

⁵ Segundo Helena Dodd Ferrez (1991, p.1), “as informações intrínsecas são as deduzidas do próprio objeto, através da análise das suas propriedades físicas.”

⁶ As extrínsecas, denominadas por Mensch (1987, apud FERREZ, 1991, p.1) de informações documental e contextual, são aquelas obtidas de outras fontes que não o objeto e que só muito recentemente vêm recebendo mais atenção por parte dos encarregados de administrar coleções museológicas. Elas nos permitem conhecer os contextos nos quais os objetos existiram, funcionaram e adquiriram significado e geralmente são fornecidas quando da entrada dos objetos no museu e/ ou através das fontes bibliográficas e documentais existentes. (FERREZ, 1991, p.1).

dimensões; material/ técnica; histórico; estado de conservação; observações; fotografia; responsável pelo registro; data do registro; ficha catalográfica; carta de doação; doador; data de aquisição; forma de aquisição e condições de reprodução.

7. Inserção dos dados da Ficha Catalográfica no repositório digital *Tainacan*: desta forma uma fotografia dos objetos, bem como as informações sobre o mesmo estarão disponíveis em meio virtual para consulta interna e externa. O detalhamento sobre a implementação do *Tainacan* é feito nos próximos tópicos deste trabalho.

Por questão de segurança, a equipe do museu optou por continuar realizando o inventário inicial do acervo em planilhas do Excel, para, posteriormente, inserir as informações no *Tainacan*. Esse processo híbrido se deu pela preocupação da instituição com a proteção de seus dados, ao mesmo tempo que busca aproveitar os benefícios proporcionados pela digitalização e pelo acesso aberto ao acervo.

A IMPLEMENTAÇÃO DO TAINACAN NO MUSEU GAMA D'EÇA

O *Tainacan* pode ser definido como:

“[...] uma plataforma online para a criação de repositórios digitais e difusão dos acervos culturais, desenvolvida em WordPress como uma solução tecnológica livre (*open source*), que permite a gestão e a publicação de coleções digitais com a mesma facilidade de se publicar posts em blogs, mantendo os requisitos necessários a uma plataforma profissional para repositórios.” (OLIVEIRA, FEITOSA, 2021, p.78)

Essa plataforma, criada através da parceria realizada entre o Ministério da Cultura e a Universidade Federal de Goiás (UFG), que tinha por objetivo

“[...] mapear os *softwares* livres para repositórios digitais existentes até então, selecionar uma ferramenta que melhor pudesse se adequar às necessidades brasileiras dos projetos vigentes em parceria com a UFPE, customizar funcionalidades e produzir material didático de apoio ao ensino e difusão da ferramenta pelo país.” (MARTINS, MARTINS, 2021, p.95)

O repositório digital foi disponibilizado pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), em 2016, como um *software* gratuito para os museus, bibliotecas e arquivos interessados.

A implementação do *Tainacan* no Museu Gama d'Eça foi realizada por etapas, descritas abaixo e que são detalhadas na sequência.

1. Instalação do *Tainacan*;
2. Criação das coleções;
3. Criação dos metadados;
4. Inserção dos itens;
5. Criação dos filtros;
6. Disponibilização para consulta externa.

A instalação do *Tainacan* foi realizada pela equipe do Centro de Processamento de Dados (CPD) da UFSM, sendo realizados testes junto à Divisão de Museus da Universidade e os espaços museológicos da Universidade.

Em um primeiro momento, foi instalada uma versão do *Tainacan* para a Divisão de Museus e as instituições museológicas⁷ constavam como “coleções”, visando unificar todos os acervos da UFSM em um único repositório.

No entanto, essa opção limitaria o uso por parte dos museus, impossibilitando de dividirem seus acervos em coleções e de criarem taxonomias próprias. Dessa forma, após a testagem do repositório, a equipe do Museu Gama d’Eça solicitou que fosse criada uma plataforma para cada instituição. O pedido foi atendido pela Divisão de Museus e pelo CPD.

Outro problema identificado foi em relação a perda das informações inseridas no repositório após uma atualização feita pelo CPD, já que o *Tainacan* não oferece uma ferramenta que assegure o *backup* das informações. Nesse sentido, o próprio CPD ficou responsável pelo *backup*, garantindo que os dados inseridos não fossem perdidos em atualizações ou por outro motivo.

Após esse período de teste, chegou-se a uma “versão final”, na qual o Museu poderia começar a inserir os objetos. Este trabalho foi realizado de forma contínua por bolsistas da instituição, que copiavam os dados das fichas catalográficas (planilha de Excel) e inseriram os mesmos no *Tainacan*. Mas antes foram criadas as coleções, processo que será aqui abordado.

A criação das coleções foi, portanto, o primeiro passo a ser feito e se demonstrou mais complexo do que imaginado pela equipe, não pelo uso da plataforma, mas pela forma que o Museu iria dividir suas variadas coleções. Historicamente, havia uma divisão entre duas

⁷ O uso do termo instituições museológicas ocorre porque nem todos os espaços vinculados à Divisão de Museus são, efetivamente, Museus, podendo ser acervos ou laboratórios. Mas em todos esses locais a cadeia operatória museológica está presente. Nesse sentido, Manuelina Duarte Cândido (2019, p. 147), ao citar a museóloga e pesquisadora Cristina Bruno, destaca que “[...] a aplicação da Museologia é realizada por meio da cadeia operatória museológica composta por salvaguarda patrimonial (que inclui a documentação e a conservação de acervos) e a comunicação patrimonial (por meio da expografia e da ação educativo-cultural).”

principais coleções: a Victor Bersani, proveniente do Museu de mesmo nome, tratada como uma coleção fechada por ser tombada pelo IPHAN, e a coleção Gama d'Eça, que consistia em objetos do Museu Educativo Gama d'Eça e doações após a fusão dos dois museus. Estas, por sua vez, eram divididas entre subcoleções. Conforme destacado no Plano Museológico do Museu elaborado em 2010, a coleção Gama d'Eça foi subdividida em: Histórico da UFSM; Histórica; Numismática; Arqueológica; Etnográfica; Zoologia; Paleontologia; Armaria; Fotográfica; Artes Visuais; Documental; Bibliográfica; Filatelia; e Geológico.

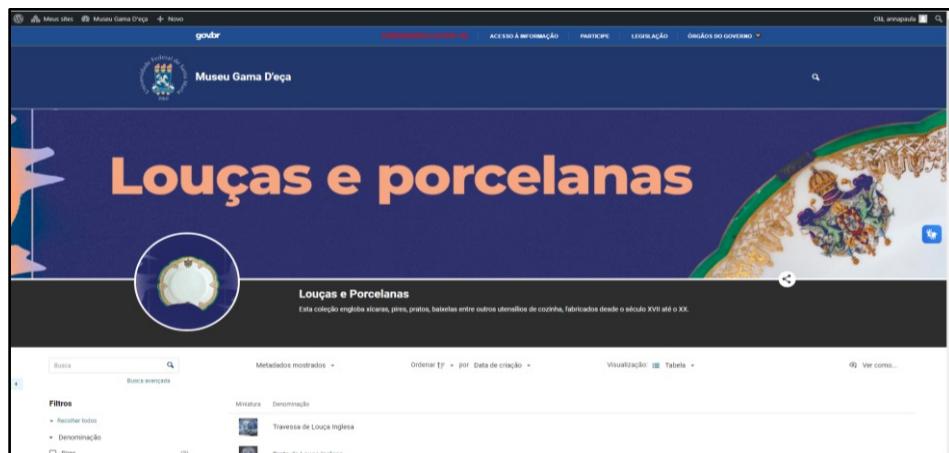
Já a coleção Victor Bersani era composta pelas seguintes subcoleções: Histórica; Numismática e medalhistica; Tabagismo; Vestuário; Zoologia; Armaria; Bibliográfica; Geológica.

No entanto, tendo em vista a possibilidade de disponibilizar as coleções ao público externo e a semelhança entre essas duas coleções, não faria sentido manter essa divisão e possuir duas coleções de Documentos históricos, Paleontologia e Instrumentos musicais, por exemplo. Assim a equipe do Museu decidiu por criar coleções de acordo com a temática dos objetos, visando facilitar a busca por parte do público e pesquisadores. Foram definidas, portanto, 20 coleções, sendo elas: Paleontologia; Rochas e minerais; Animais taxidermizados; Entomologia; Documentos históricos; História da UFSM; Armaria; Numismática; Arqueologia; Instrumentos musicais; Máquinas e instrumentos; Acessórios de montaria; Relógios; Artigos de tabagismo; Filatelia; Fotografias; Mobiliário; Artes visuais; Indumentária e Louças e porcelanas.

Caso a equipe do Museu ou algum pesquisador quiser acesso aos objetos da coleção Victor Bersani, poderá localizá-los utilizando os filtros do *Tainacan* nas coleções criadas, como é explicado posteriormente, na configuração dessa ferramenta.

A identidade visual de uma coleção é um fator essencial para o sucesso na comunicação de conteúdos e engajamento do público com o acervo. Visando garantir uma identidade visual às coleções, foram elaboradas artes para as miniaturas das coleções seguindo o padrão de fundo da mesma cor e no centro a imagem de um objeto correspondente a cada coleção, o mesmo seguiu para as imagens de cabeçalho, porém, com o nome de cada coleção descrito (Figura 3). Esse processo ocorreu para que ficasse mais atrativo ao público e seguisse a identidade visual das redes sociais do Museu, promovendo uma interface amigável para os visitantes digitais. A escolha por um *design* padronizado facilita a identificação imediata das coleções, como pode ser observado na Figura 4.

Figura 3 - Coleção de Louças e Porcelanas



Fonte: Tainacan Museu Gama d'Eça

Figura 4 - Exemplos de coleções no site



Fonte: Tainacan Museu Gama d'Eça

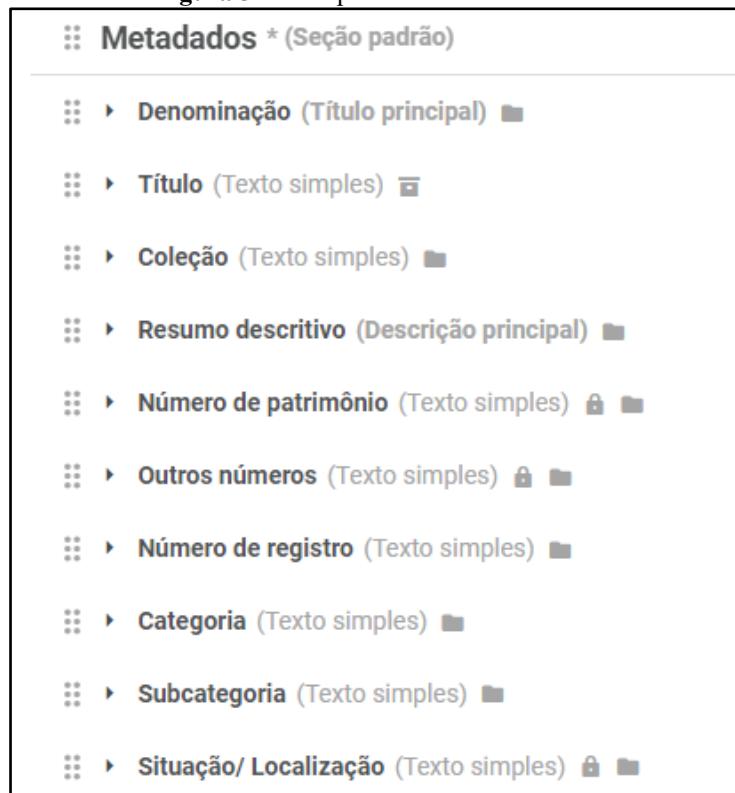
Após a divisão das coleções que seriam criadas para o Museu, iniciou-se o processo de criação, no *Tainacan*. A criação de coleções permite organizar, categorizar e disponibilizar de forma acessível os itens do acervo do Museu. Uma coleção é um grupo de itens que compartilham um mesmo conjunto de metadados (Tainacan Wiki, 2024), assim, cada item enviado para seu repositório digital pertencerá a uma única coleção. Além disso, o *software* permite criar um conjunto diferente de metadados para cada coleção, o que facilita no caso do Museu Gama d'Eça, devido ao fato de possuir coleções muito variadas, onde alguns metadados

não fariam sentido para todas as coleções. Esse processo não apresentou maiores dificuldades, o *software* é bastante intuitivo e facilita o uso mesmo para quem não possui experiência.

É possível, também, alterar o status da coleção para “publicado”, “privado” ou “lixo” que define a visibilidade dos itens. As “publicadas” podem ser acessadas pelo público assim que criadas, as “privadas” aparecem apenas para quem as criou e usuários autorizados, coleções no lixo poderão ser visualizadas por usuários com permissão ao acesso administrativo podendo também ser retiradas do lixo ou apagadas permanentemente. Atualmente, todas as coleções criadas para o Museu estão como publicadas, porém, nem todas possuem itens inseridos.

Com as coleções definidas, partiu-se para a criação dos metadados, os quais consistem nas características e especificidades das informações que serão inseridas junto com o documento digital durante o envio dos itens para as coleções (Tainacan Wiki, 2024), correspondendo aos elementos dos campos que compõem a Ficha Catalográfica do Museu (Figura 5), anteriormente mencionados.

Figura 5 - Exemplo de metadados no site



Fonte: Tainacan Museu Gama d'Eça

Os metadados podem ser criados manualmente através do painel administrativo e, apesar de não haver um modelo específico, apresentam-se, como padrão, os metadados “título”

e “descrição”⁸, que não podem ser excluídos, mas podem ser editados. Além disso, uma característica singular do *software* é que ele permite a distinção entre metadados a nível de “repositório”, os quais serão herdados por todas as coleções, ou a nível de “coleção”, que serão específicos dessa, facilitando o trabalho de inserção. Os metadados de repositório devem ser comuns e generalizantes à grande parte do acervo, como o “número de registro”, “data de registro”, “estado de conservação”, etc. Já os metadados de “coleção” são aplicados às coleções específicas, correspondentes somente aos itens criados para as mesmas.

No que diz respeito aos tipos de metadados (Figura 6), existem os de “texto simples”, que não permitem a inserção de parágrafos, de “texto longo”, que permitem paragrafação, “data” e “numérico”, os quais possibilitam a inserção de números e “lista de seleção”, para itens que possuem conjuntos optativos. Essa tipologia, ao apresentar um conjunto de variações possíveis, facilita o preenchimento dos itens, uma vez que atende às necessidades da Ficha Catalográfica, tornando a interface amigável. No entanto, deve-se atentar para o fato de que, após a criação, não é possível alterar o tipo de metadado, somente se esse for excluído e criado novamente.

Figura 6 - Tipologia de metadados possíveis

Tipos de Metadados disponíveis
Textos simples
Textos longos
Data
Numérico
Lista de seleção
Relacionamento
Taxonomia
Compósito
Usuário
GeoCoordenada
URL

Fonte: Tainacan Museu Gama d’Eça

⁸ Definidos como padrão pelo CPD/UFSM no momento da instalação.

Outro aspecto relevante é que na criação dos metadados, assim como nas coleções, há a possibilidade de modificar o status para “público” ou “privado”. Os metadados definidos como “público” podem ser visualizados por aqueles que acessarem o site do museu (público externo), e os classificados como “privados” aparecem apenas para quem tem acesso ao painel administrativo (equipe do Museu). No caso do Museu Gama d’Eça, os metadados que se encontram privados, por questões de segurança, são aqueles referentes ao “número de patrimônio”, “outros números”, “situação/ localização”, “responsável pelo registro”, “data do registro”, “ficha catalográfica”, “carta de doação”, “doador”, “data de aquisição”, “forma de aquisição” e “condições de reprodução”.

Após a criação dos metadados, foi possível, enfim, a inserção dos itens em suas respectivas coleções, partindo-se das informações inventariadas na planilha de Excel. Nem todas as coleções possuem itens adicionados, uma vez que a catalogação do acervo do Museu ainda está em desenvolvimento. No entanto, para aquelas que já possuem, tendo-se atualmente em torno de 1.210 objetos inseridos, a adição dos mesmos se mostrou fácil. O *software* deixa evidente, ao entrar em uma coleção, as funções “adicionar um item”, no qual será adicionado apenas um item por vez, sendo necessário o preenchimento dos metadados, e “adicionar um item em massa”, que permite o *upload* dos arquivos de mídia, com os campos de metadados sendo preenchidos por meio da edição de cada objeto posteriormente. Na interface do Museu, por questões práticas, só foi utilizada a primeira função.

O passo seguinte foi a criação de filtros, para cada coleção foi possível escolher quais metadados seriam usados como filtros para facilitar a navegação e encontrar os itens. Foram criados para cada coleção de 10 a 15 filtros, alguns podendo ficar privados, como os filtros “número de registro”, “responsável pelo registro” e “localização”, servindo para melhor organização da equipe do museu.

É possível criar filtros a nível de repositório, que são comuns a todas as coleções, e filtros a nível de coleção. No caso do Museu, foram criados filtros levando em conta as especificidades de cada coleção. Usamos como exemplo a coleção de Artes visuais, na qual o metadado “autor” é de muita importância, enquanto na coleção de Numismática não será preenchido. Inicialmente os filtros foram criados com a opção de aparecerem como “lista de seleção”, porém posteriormente a “lista de marcações” se mostrou mais eficiente, sendo assim, foram alterados todos para lista de marcação (Figura 7), exceto o filtro “número de registro” que contém um campo para busca, conforme Figura 8. Já a localização dos filtros fica no canto

esquerdo da tela e podem ser selecionados de acordo com quem está fazendo a pesquisa (Figura 9).

Figura 7 - Exemplo de filtro com opção “lista de marcação”

▼ Local de produção

<input type="checkbox"/> Inglaterra	(2)
<input type="checkbox"/> Rio de Janeiro	(2)
<input type="checkbox"/> Santa Catarina/ Brasil	(2)

Fonte: Tainacan Museu Gama d’Eça

Figura 8 - Exemplo de filtro com opção para digitar o número desejado

▼ Número de registro

Buscar metadados...

Fonte: Tainacan Museu Gama d’Eça

Figura 9 - Filtros da coleção de louças e porcelanas

Filtros

- ▼ Recolher todos
- ▶ Denominação
- ▶ Número de registro
- ▶ Categoria
- ▶ Subcategoria
- ▶ Situação/ Localização
- ▶ Autor/ Fabricante
- ▶ Data de produção
- ▶ Local de produção
- ▶ Material/ Técnica
- ▶ Estado de Conservação
- ▶ Responsável pelo registro
- ▼ Possui miniatura

3 itens encontrados
1 filtro aplicado Limpar filtros

Subcategoria
2.6.3 Utensílios associados ao ato de comer X

Travessa de Louça Inglesa

Borda com motivos florais com desenhos no centro. 1º plano - homem tocando harpa e mulher ao fundo com vestes branca. 2º plano- Mulher em pé numa barca. 3º plano - Um castelo com montanhas ao fundo. No verso marca "Lady Off The Lake".

Exibindo itens 1 a 3 de 3.

Fonte: Tainacan Museu Gama d’Eça

Os pontos positivos em relação aos filtros incluem a capacidade de organizar de forma intuitiva e detalhada as peças, permitindo uma navegação mais eficiente e personalizada para os visitantes e a capacidade de aplicar filtros específicos, o que ajuda a refinar as buscas e a encontrar rapidamente metadados relevantes, como: autor, período e material, melhorando assim a experiência do visitante e do pesquisador. Nesse sentido,

“Cabe ressaltar que essa documentação possui essencialmente o objetivo de organizar e de possibilitar a recuperação da informação contida em seu acervo. Uma vez realizadas essas ações, os objetos e/ou as coleções museológicas se tornam fonte de informação (para curadoria, pesquisa científica, ações culturais e educativas, publicações diversas, entre outras) que poderá produzir novos conhecimentos.” (PADILHA, 2014, p.35)

Os filtros permitem justamente otimizar esse tempo de busca, seja pela equipe do Museu ou pelo usuário externo, aumentando as possibilidades de busca e recuperação da informação desejada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A implementação do *Tainacan* no Museu Gama d'Eça evidencia grandes avanços na gestão e comunicação do acervo com o público. Entre os pontos positivos, destacam-se a interface amigável e a facilidade de inserção de dados, que permitiram uma fácil adoção por parte da equipe do museu. A ferramenta possibilitou a disponibilização das coleções e metadados, facilitando a busca e a navegação por meio dos filtros específicos. A disponibilidade de vídeos no youtube ensinando como usar o *Tainacan* e o suporte constante do CPD/UFSM foram fundamentais para garantir a eficiência do uso da plataforma.

No entanto, também houveram alguns pontos negativos percebidos durante o processo. Inicialmente relacionados ao *backup* dos dados, que logo foram solucionados pelo CPD/UFSM, além da limitação do tamanho das imagens a serem adicionadas na plataforma, o que diminuiu a qualidade das fotos, também foi observada uma lentidão na medida em que os itens eram adicionados às coleções. Apesar desses pontos, o suporte sempre esteve presente para solucionar o que era solicitado.

Ademais, podemos afirmar que o *Tainacan* se mostrou uma ferramenta relevante não apenas para o registro e recuperação de informações, mas também como um meio para potencializar a comunicação do Museu. O próximo passo será ampliar o acesso do público com

o acervo digital e, com o aprimoramento contínuo do uso da plataforma, espera-se que o *Tainacan* continue fortalecendo a preservação e a difusão do patrimônio cultural do Museu Gama d'Eça e demais instituições que adotarem o seu uso.

REFERÊNCIAS

- CATO, Paisley; WALLER, Robert. *Agent of deterioration: dissociation*. Canadian Conservation Institute. Disponível em: <https://www.canada.ca/en/conservation-institute/services/agents-deterioration/dissociation.html>. Acesso em: 07 de out., 2024.
- DUARTE, Manuelina Cândido. *Gestão de Museus, um desafio contemporâneo: diagnóstico museológico e planejamento*. 2019.
- FERREZ, H. D. *Documentação museológica: teoria para uma boa prática*. In: Cadernos de ensaios, n. 2. Estudos de museologia. Rio de Janeiro, Minc/Iphan, 1994, p. 64-73.
- IBRAM. *Documentação de Acervo Museológico - Módulo 2 – Organização - instrumentos de gestão*. Apostila do curso Documentação de Acervo Museológico. Disponível em: <https://www.escolavirtual.gov.br/curso/265>. Acesso em: 07 de out., 2024
- ICCROM. *Guia de Gestão de Risco para o Patrimônio Museológico*. Ibermuseus (Tradução). 2027. Disponível em: https://issuu.com/segibpdf/docs/guia_de_gestao_de_riscos_pt. Acesso em: 07 de out., 2024.
- MARTINS, Dalton Lopes. MARTINS, Luciana Conrado. *Desafios e aprendizados na implantação do Tainacan nos museus do instituto brasileiro de museus*. Revista Eletrônica Ventilando Acervos, Florianópolis, v. especial, n. 1, p. 91-107, jul. 2021.
- OLIVEIRA, Amanda de Almeida. FEITOSA, Alexandre César Avelino. *A difusão digital nos museus IBRAM: A implantação do projeto Tainacan*. Revista Eletrônica Ventilando Acervos, Florianópolis, v. especial, n. 1, p. 70-90, jul. 2021.
- PADILHA, Renata Cardozo. *Documentação Museológica e Gestão de Acervo*. Florianópolis: FCC Edições, 2014. Disponível em: <<https://cultura.rs.gov.br/upload/arquivos/carga20190653/17105304-documentacao-museologica-gestao-acervo.pdf>>. Acesso em: 01 de nov., 2024.
- PILLA, Karine. *Arquivabilidade de acervos arquivísticos no Tainacan: um estudo de caso no Museu Gama D'eña da UFSM*. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Arquivologia. Universidade Federal de Santa Maria. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/33059>. Acesso em: 07 de out., 2024.
- TAINACAN. [S. l.] c. 2021. Disponível em: www.tainacan.org. Acesso em: 11 de set., 2024.
- TAINACAN WIKI. *Conceitos gerais sobre o Tainacan*. Disponível em: <https://tainacan.github.io/tainacan-wiki/#/pt-br/general-concepts>. Acesso em: 11 de set. 2024.